

# Enquanto Social-Democrata: Responsabilidade Política face ao Populismo de Direita

written by Amadeu Ricardo | 21 de Janeiro, 2026

**OCIDADÃO**  
Journalism Libre

**OPINIÃO**  
Amadeu Ricardo



Enquanto social-democrata, observo com uma crescente inquietação a expansão do populismo de direita no espaço europeu e português. Não se trata apenas de uma divergência ideológica; trata-se de uma ameaça estrutural à qualidade da nossa democracia.

A literatura académica é clara: o populismo de direita opera através de uma lógica que simplifica, distorce e manipula. Cas Mudde descreve-o como uma “ideologia de baixa densidade” que divide a sociedade entre “um povo puro” e “uma elite corrupta”<sup>1</sup>. Esta divisão moralizante não é inocente: é uma estratégia de poder.

Jan-Werner Müller reforça esta ideia ao afirmar que os populistas reivindicam para si o monopólio da representação legítima do povo<sup>2</sup>. Ou seja, ao mesmo tempo que se apresentam como defensores da democracia, corroem-na por dentro, deslegitimando qualquer oposição como inimiga – não como alternativa.

### **A engenharia emocional do populismo: medo, inimigos imaginários e gatilhos afetivos**

O que mais me preocupa, enquanto cidadão e enquanto social-democrata, é a forma como o populismo de direita constrói a sua força: não através de políticas, mas através de emoções. Ruth Wodak descreve esta estratégia como “políticas do medo”<sup>3</sup>. E é exatamente isso que eu vejo: a criação de inimigos imaginários, a amplificação artificial das ameaças e a ativação dos gatilhos emocionais que substituem a deliberação racional por impulsos instintivos.

O populismo precisa do medo como um incêndio precisa do oxigénio.

Precisa de um “outro” – difuso, abstrato, e muitas vezes inexistente – para mobilizar ressentimentos.

Precisa de transformar as frustrações legítimas ou não em armas simbólicas.

Precisa de alimentar e transformar o descontentamento em espetáculo.

Pierre Rosanvallon descreve esta dinâmica como uma “democracia da desconfiança”<sup>4</sup>. E é precisamente essa desconfiança que o populismo instrumentaliza, convertendo-a em capital político.

### **Porque defendo José António Seguro como figura da credibilidade democrática**

É neste contexto que a figura de José António Seguro ganha, para mim, uma relevância particular. A sua postura política – tantas vezes subestimada – representa exatamente o oposto da lógica populista. Seguro não governa pelo medo, não

instrumentaliza o descontentamento e não fabrica inimigos. A sua credibilidade nasce da sua recusa em participar na teatralização emocional que domina o espaço público.

Enquanto social-democrata, reconheço na sua abordagem três pilares fundamentais:

### 1. A ética da responsabilidade

Max Weber distingue entre a ética da convicção e a ética da responsabilidade<sup>5</sup>. Seguro inscreve-se claramente na segunda: a política como exercício ponderado, informado e responsável. Num tempo de impulsos, esta postura é no mínimo revolucionária.

### 2. A defesa da institucionalidade democrática

Enquanto o populismo procura fragilizar instituições para reforçar a sua própria autoridade, Seguro insiste na importância das regras, dos processos e das mediações. Esta defesa da institucionalidade não é tecnocrática; é democrática.

### 3. A gestão cuidada do descontentamento

O populismo amplifica as frustrações; Seguro procura transformá-las em políticas públicas sustentáveis. Esta diferença é essencial: uma coisa é explorar emoções; outra é governar.

## **Porque, enquanto social-democrata, rejeito o populismo fácil**

Rejeito o populismo de direita porque ele transforma a política num teatro de ressentimento.

Rejeito-o porque substitui a complexidade por slogans.

Rejeito-o porque transforma cidadãos em plateias emocionais.

Rejeito-o porque precisa de inimigos imaginários para sobreviver.

E é precisamente por isso que valorizo a postura de José António Seguro: porque ele representa uma forma de fazer política que não se rende ao medo, que não cede à tentação da simplificação e que não abdica da responsabilidade.

Nadia Urbinati lembra-nos que a democracia exige uma cidadania capaz de resistir às narrativas totalizantes<sup>6</sup>. Eu acredito nisso profundamente. E acredito que a social-democracia – quando fiel aos seus princípios – é uma das forças políticas mais capazes de oferecer essa resistência.

Num tempo de ruído e espectáculo, escolho a responsabilidade.

Num tempo de medo, escolho a serenidade.

Num tempo de inimigos imaginários, escolho a política real.

Num tempo de populismo fácil, escolho a credibilidade difícil.

Por tudo o que descrevi:

VOTO JOSÉ ANTÓNIO SEGURO

*Notas:*

1. Cas Mudde, *Populist Radical Right Parties in Europe*, Cambridge University Press, 2007.
2. Jan-Werner Müller, *What Is Populism?*, University of Pennsylvania Press, 2016.
3. Ruth Wodak, *The Politics of Fear*, Sage, 2015.
4. Pierre Rosanvallon, *La Contre-Démocratie*, Seuil, 2006.
5. Max Weber, “A Política como Vocação”, conferência de 1919.
6. Nadia Urbinati, *Democracy Disfigured*, Harvard University Press, 2014.